

Futebol 1 X 0 Escola

*Luiz Carlos Rigo**

Resumo

Esta monografia nasceu no interior da disciplina de Futebol, ministrada para os alunos do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas. Tendo como ponto de partida a problematização do futebol escolar e a convivência do professor e dos acadêmicos com esta prática cultural, emergiu a curiosidade de investigar com maior cuidado a forma como é tratado o futebol nas escolas. Diagnosticar a situação do futebol junto às escolas públicas municipais, ilustrar o significado deste no universo cultural dos alunos e problematizar as manifestações, as táticas e as estratégias, que fazem com que esta prática cultural se dissemine e prolifere fundando nossa cultura, constituem alguns dos principais objetivos deste estudo.

Palavras - Chave: Futebol - Prática Cultural - Escola

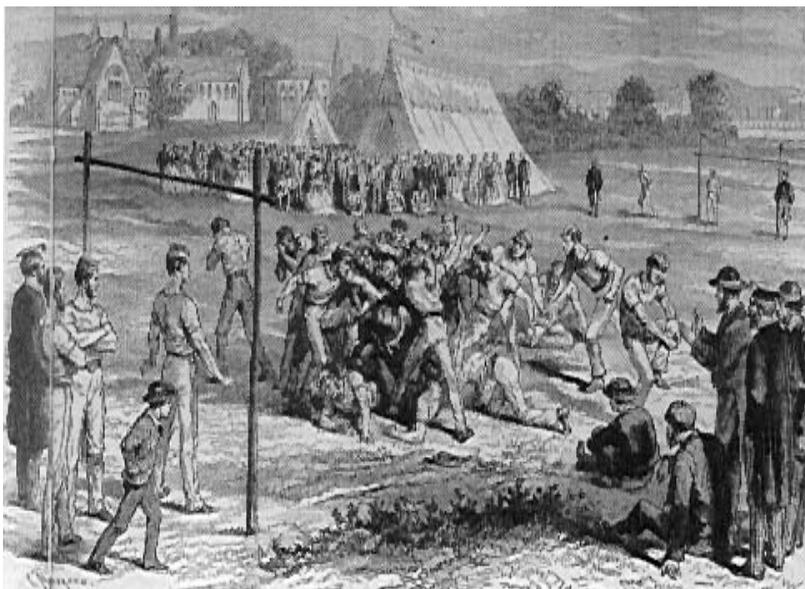
Abstract

This study was developed at the Soccer class given to the Physical Education students of the Federal University at Pelotas (UFPeL). Based on school soccer and how students relate to this cultural practice, there emerged an interest in investigating more closely the way it is dealt with at public school classes. Some of the goals of this present study are to diagnose the state of soccer at the city public schools, to illustrate its meaning within the students' cultural universe and to question the tactical and strategical action that cause it to be popular and form a basis to our culture.

Key-words : Soccer - Cultural Practice – School.

* Professor Assistente da ESEF/UFPeL . Doutorando em Educação na área de Ciências Sociais Aplicadas a Educação na UNICAMP. Endereço para contato: 53 272 2463 (Pelotas/RS) ou rigo@UFPeL.tche.br

D) Saudades de mim¹



A foto ilustra como eram as primeiras disputas de futebol ocorridas dentro das “Public schools” inglesas no final do século XVIII e início do XIX. Nela podemos identificar já a presença das goleiras e uma certa delimitação espacial (campo), marcas estruturais embrionárias que caracterizam a emergência do futebol enquanto um esporte moderno. Fonte Wahal, Afred. 1997.P.15.

“Juliano, um garoto de nove anos, sorrindo, conta-me sobre a aula de Educação Física que mais gostou: “Foi uma ocorrência no ano passado, quando teve futebol, e eu fiz um gol”, lembra o menino empolgado. Associando palavras a gestos demonstrativos, Juliano empenha-se em reproduzir a cena e, de posse de uma bola, improvisa, reconstrói para mim, ali mesmo, dentro de casa, os detalhes da jogada que ficaram na sua lembrança, na sua memória afetiva.”

Impressionado com a demonstração de alegria de Juliano e com os detalhes com que me conta o feito, penso no significado que teve para o garoto de nove anos um jogo de futebol, ou melhor, “um mero gol”, marcado em uma simples pelada numa aula de Educação Física.

¹ Subtítulo retirado do conto *Mãozinhas de Seda*, do livro *Menina a Caminho*, de RADUAN NASSAR.

Sensibilizado pela empolgação de Juliano, transporto-me à minha infância, à minha primeira escola, e ao futebol desta escola de infância. Percebo, com uma certa facilidade misturada a uma pitada de alegria, o quanto o futebol, para a maioria dos brasileiros, assim como para mim, ocupa um lugar privilegiado em nossa memória afetiva.

Minha primeira escola, lugar onde estudei os cinco anos iniciais, certamente não era das mais bonitas: um grupo escolar municipal, de uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul, mas que felizmente possuía um pátio bastante grande, se comparado com aqueles da maioria das escolas públicas. No pátio havia um campo de futebol estruturado, ou melhor, semi-estruturado. Lembro-me com nitidez das disputas travadas naquele campinho de terra batida, que dificilmente tinha as duas goleiras inteiras.

Os embates que realizávamos dentro do campo geralmente extrapolavam o tempo, sempre muito curto, e o espaço, pequeno demais para os nossos sonhos. As discussões, comemorações, tristezas e lamentações acabavam sempre por adentrar o espaço sacralizado das salas de aulas. Esses dias de sol, de tamanha festa, alternavam-se com tantas tardes nubladas. Nelas, o rosto colado junto ao vidro da janela, esperando impaciente os primeiros raios de sol, a secura do chão batido, enquanto a professora, compenetrada, ministrava a sua aula. Espiávamos pela janela o campo ainda úmido lá fora, o local onde virávamos craques, e imaginávamos inúmeras jogadas brilhantes, lances semelhantes àqueles vividos na noite anterior, embaixo das cobertas, através da voz do locutor no meu radinho de pilhas. As jogadas eram muitas, pois tratava-se de um Gre-Nal — clássico Grêmio x Internacional —, e eu as recordava quase todas. A narrativa emocionada do locutor invariavelmente fazia-me vibrar, prendia minha atenção, muito mais do que a aula que transcorria normalmente mesmo com o grande empenho da professora. Diferente do jogo, a aula era bastante harmônica, sem tensões e praticamente nula de desequilíbrio emocional.²

Quando se aproximava o recreio, nossa atenção aumentava. Saíamos correndo da sala assim que soava a sineta. Poder chegar rápido ao centro do campinho era quase uma garantia de um lugar nos times, uma chance maior de não ficar encostado à trave, esperando a vez ou, o que é pior, sentado no banco, como um derrotado. Na verdade, a disputa tinha seu início já ali fora

² ALMEIDA (1997) ao comentar a relação particular dos jogos de futebol transmitidos via rádio com os torcedores, lembra como ficção e realidade mesclavam-se e se completavam aumentando a “intensidade”, a “vibração” das partidas. “É como se estivéssemos a beira do campo, seguindo a bola de pé em pé, porém libertos das limitações que a realidade impõe à imaginação”; “os nossos chutes (porque eles eram nossos, não dos nossos emissários em campo) raspavam as traves com infernal falta de sorte, os goleiros adversários faziam milagres, os juizes roubavam-nos dando pênaltis imaginários e deixando de consignar outros escandalosamente visíveis.” ALMEIDA PRADO, *De seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997. p. 204

de campo, na corrida que travávamos, entre nós e contra o tempo. Durante o recreio, o lugar em um dos times era mais disputado que nas aulas de Educação Física, já que aglutinava todos os meninos do turno da tarde.

Titulares absolutos mesmo, além do dono da bola — geralmente de borracha, que, principalmente no inverno, deixava uma passageira mancha vermelha no corpo quando se levava um chute mais forte —, somente o Altamiro e o Bugre, que não só eram um pouco mais velhos do que a maioria de nós, como indiscutivelmente eram os dois melhores da tarde. Eram eles que dividiam e escolhiam rapidamente os dois times que iriam transformar os míseros quinze minutos de intervalo num espetáculo similar àquele vivenciado através dos radinhos de pilha nas noites de inverno.

Além desses jogos realizados no recreio, nas aulas de Educação Física e antes ou após o turno de aula, o futebol também acompanhava-nos fora do espaço escolar. Mudavam as turmas e os locais, mas o jogo permanecia como parte de nossa rotina diária, preenchendo fins de tarde, feriados, finais de semana e quase todo o tempo em que não estávamos comprometidos com a escola.

Com o futebol, nessas experiências infantis, parece que tivemos intuitivamente, mesmo sem permissão, a ousadia e a capacidade de romper com os limites de tempo e de espaço que nossa educação escolar insistia em estabelecer. Arrastado por nós para dentro dos muros da escola, talvez tenha sido ele uma das minhas mais importantes e desafiadoras experiências infantis coletivas: ele era nosso pacto escolar. Nos desafiando, o futebol também nos apresentava à vida, à nossa vida de meninos irrequietos, briguentos e sonhadores, de moleques bons de bola.

Assim como Juliano, através de um processo seletivo, retém em sua memória afetiva os pormenores daquele gol, também eu e muitos outros que tivemos no futebol um companheiro, um amigo de infância, guardamos recordações secretas de jogos disputados, de jogadas e gols que marcamos e perdemos. Momentos especiais de nossa infância, vividos tanto na escola como fora dela.

Tomando como referência o significado que o futebol demonstra ter em nossa cultura e no quanto ele atravessa a infância de meninos e meninas brasileiros, decidi investigar neste artigo o lugar que ele ocupa dentro da escola e o significado dessa experiência para os alunos.

II) Estratégia metodológica

Para realizar esta investigação sobre o futebol e a escola, utilizei, além do auxílio bibliográfico, dados empíricos, coletados junto a escolas municipais de Pelotas/RS³.

Os dados empíricos que foram coletados, já que este trabalho materializa intenções posteriores ao processo de coleta, foram tomados mais como uma fonte que alie à bibliografia selecionada, servindo, assim, à reflexão.

Quanto à estrutura do trabalho optei, num primeiro momento, em expor uma síntese, uma compilação das questões que tratam apenas da realidade infra-estrutural da escola, seu espaço físico e o material usado nas práticas do futebol, sem fazer maiores reflexões sobre o encontrado. Mais tarde volto a me referir a estes dados para, junto com outros instrumentos, refletir o futebol nas escolas. Das entrevistas priorizei utilizar os dados coletados dos alunos e fiz um recorte, atendo-me às questões que falam direta ou indiretamente do envolvimento que estes mantêm com o futebol em seus cotidianos. Aqui serão usadas tanto algumas declarações, diretas e individuais, que visam ilustrar suas falas, bem como sínteses que retratam as opiniões que de uma certa forma se sobressaíram. As declarações dos alunos, apesar de estarem expressas de forma mais concisa no item III, serviram de solo empírico para as demais reflexões que aparecem ao longo do texto.

II.I) Revisitando as escolas públicas

As informações coletadas foram compiladas em três grandes blocos. O primeiro é referente ao número de professores de Educação Física atuantes nas escolas, relacionado com o número de alunos matriculados. Assim, do total de dez escolas visitadas, nove apresentaram uma situação bastante similar, possuindo de um a quatro professores de Educação Física para atender a uma população de alunos que oscila entre 250 a 1500 alunos.

³Os dados empíricos aqui usados fazem parte de um levantamento feito durante o ano de 1995 junto às escolas municipais da zona urbana de Pelotas/RS. Constituíram a amostra 10 escolas que possuíam aulas a partir da 5ª série do primeiro grau. Um dos objetivos desse levantamento foi realizar um diagnóstico qualitativo sobre a situação do futebol nessas escolas. Além da minha participação, aquele estudo contou também com 10 alunos estagiários da Escola Superior de Educação Física da UFPel. Em cada escola visitada, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, com um professor de Educação Física e, no mínimo dois alunos, um de cada sexo, dando preferência aos que estudavam na escola no mínimo há três anos. Predominaram, assim, alunos da 7ª e 8ª séries. As perguntas foram feitas individualmente, porém, em algumas escolas, os colegas agrupavam-se em torno do aluno entrevistado e o ajudavam a responder as questões. Para auxiliar a descrição das escolas que foram visitadas, optamos, também, por fotografar o espaço físico destas, ou os eventuais locais extra-escolares que ocorriam aulas de Educação Física.

Distanciando-se desta realidade, temos uma escola, de maior porte e bastante tradicional na cidade, que tem matriculados 3200 alunos e conta, em seu quadro funcional, com dezenove professores de Educação Física.

O segundo grupo trata do espaço físico para a vivência do futebol dentro das escolas. Destacamos aqui dois quadros um tanto distintos. Das dez escolas, duas destacaram-se das demais por possuírem quadras abertas, de cimento, com goleiras e marcação permanente, bem como um ginásio coberto em condições de ser usado para a prática do futebol.

Uma destas escolas apresenta ainda um campo de futebol-sete, de areia, com goleiras fixas e em bom estado. No outro grupo, com oito escolas, cinco fazem uso do pátio da escola, geralmente de areia ou terra, misturada com grama em alguns locais, e sem a existência de qualquer tipo de marcação permanente de quadras. As outras três escolas destacaram-se por buscarem fora da escola um local mais apropriado para a prática do futebol. Deste modo, de forma não-regulamentada, estas escolas optam por ocupar, com freqüência, outros espaços, como, por exemplo, praças públicas e terrenos baldios para realizarem as aulas de Educação Física e as práticas do futebol.

Num terceiro bloco, selecionamos informações sobre o número de bolas disponíveis nas escolas para a prática do futebol. Das dez escolas, nove apresentaram uma situação similar, onde o número de bolas utilizadas nas aulas de Educação Física para as práticas do futebol variava de zero a três. Distanciava-se deste quadro apenas uma escola — a mesma que possuía o maior número de professores e um ginásio coberto à disposição. Nessa escola, o número de bolas variava de 7 a 10, o que, segundo informou-nos um professor de Educação Física, dependia da época do ano. Mesmo assim, o professor informante fez questão de declarar que *"a quantidade de material é razoável, porém, em termos de qualidade, deixa muito a desejar."*

Em várias escolas, o número de bolas alterava-se quase que diariamente, porque freqüentemente alunos e professores levavam as de sua propriedade para o recinto escolar. A título de curiosidade, destacamos o caso de uma escola que, apesar de possuir instalações bastante boas — quadras, ginásio e um pequeno campo de futebol —, no momento da visita não possuía nenhuma bola disponível para a prática desse esporte, ficando totalmente à mercê do empréstimo proporcionado pelos professores ou por algum aluno. Segundo declaração da professora, a escola encontrava-se naquela situação momentaneamente, devido a alterações ocasionadas pela reconstrução do prédio escolar, e a Secretaria da Educação ainda não havia enviado nenhum material para as aulas de Educação Física.

III) Futebol é cultura: a escola-futebol

Para falar da relação que os alunos estabelecem com o futebol, tomamos como referência ilustrativa algumas declarações de meninos e meninas que mostraram-nos o quanto este faz parte de seus cotidianos. Dentro do grupo de vinte alunos contactados, o gosto pelo futebol apresentou-se quase que uma unanimidade para ambos os sexos. Apenas uma menina disse explicitamente não gostar. Para os demais, mesmo atentando para a diversidade de intensidade nas declarações, destacou-se o interesse, a curiosidade, ou mesmo a simpatia dos alunos pelo futebol.

“Gostas de futebol?”, perguntávamos. *“Quem é que não gosta, né? É uma coisa que o cara se diverte, brinca, só de vez em quando vai dar umas briguinhas. Aqui no colégio, a maioria dos guris briga”*. (E. D., 6^a série, 14 anos).

As meninas também fizeram questão de demarcar seu envolvimento. As declarações contundentes e seguras de algumas sinalizam sua decisão de cada vez mais interferirem junto a esta prática social: “Você gosta de futebol?": *“Eu gosto. Eu tô num time de futebol lá na baixada”*. “E de vôlei, handebol, você gosta também?": *“Ai, de vôlei não sei, futebol a gente se diverte mais. A minha mãe jogava futebol comigo na barriga. Desde pequena ela começou a me ensinar e agora os meus primos tão me ensinando também, nós temos um time na escola.”* Como havia outras meninas em volta, a uma pequena distância, apontou para algumas, dizendo quais faziam parte do time. (A., 12 anos, 5^a série).

A prática do futebol fora da escola, compartilhada com familiares, apresentou-se como uma marca constante, tanto para os meninos como para as meninas. Mas, para as meninas, essa possibilidade recebeu um destaque, um reconhecimento de importância maior do que para os meninos. Talvez a participação junto com familiares seja vista pela meninas como uma estratégia que as favoreça, que as incentive a atuarem em uma área que ainda carrega consigo fortes códigos, típicos de uma cultura masculina.

As vivências dos alunos com o futebol fora da escola foi outra particularidade que se sobressaiu durante a conversa com eles. Para os meninos, essa prática fora da escola era mais freqüente, e uns até salientaram seus jogos de finais de semana. Outros comentaram as partidas improvisadas durante os turnos vagos na escola. Nas falas das meninas, tal participação também foi registrada, porém com menor freqüência. Predominaram aí vivências esporádicas, geralmente efetivadas quando algum membro da família — pai, irmãos — incentivava e acompanhava. Estas vivências futebolísticas extra-escolares pareceram estar fortemente vinculadas ao ambiente em que vivem: a rua onde moram, a realidade de seus bairros, os grupos de amigos que formam.

O jogo futebol apresenta-se aí marcado por microdiversidades culturais, capazes de produzir alterações, inclusive estruturais, sobre o esporte futebol. Assim, as regras são adaptadas. O número de jogadores em cada time, por exemplo, varia de um dia para o outro, dependendo normalmente do número de garotos disponíveis, e também do tamanho do "campo".

As colocações de Rodrigo, aluno de uma das escolas, destacam a importância que adquire para a sobrevivência e proliferação do futebol a maleabilidade presente nos jogos não-escolares destes garotos.

"Jogo quase todos os fins de semana. A gente joga mais é futebol de cinco ou de sete lá na cancha, porque só tem um campo grande aqui. Durante a semana, como o pessoal trabalha, não fica muita gente para jogar." O garoto enfatizou ainda que nos fins de semanas eles têm times mais fixos, o dele é o "Esporte Clube Ouro Preto", que envolve garotos da faixa de 13 a 15 anos. Segundo Rodrigo, são eles mesmos os responsáveis pela organização do time, como também pelas combinações dos jogos. Quando perguntado sobre as regras e sobre quem apitava, ele disse-nos que as regras são adaptadas antes do jogo e que *"ninguém apita, é pela consciência da pessoa"*; acrescentando que *"quando tem time de outros bairros, a gente joga contra eles."* Estes fragmentos da fala de Rodrigo ilustram como os garotos são capazes de inventar e recriar as condições necessárias para colocarem em prática seus desejos de vivenciar o futebol, alterando as regras e muitas vezes a própria estrutura desse esporte.

CERTEAU (1994) destaca o quanto esta inventividade, que aparece nas práticas culturais freqüentadas pelos cidadãos comuns, pelos *"heróis do cotidiano"*, é capaz de produzir novos códigos, novos hábitos e valores culturais. O autor salienta que é graças a essa espécie de inteligência marcada pela astúcia, pela simulação, pela capacidade de jogar estrategicamente com as condições de possibilidades da realidade que muitas práticas culturais e seus agentes consumidores/produtores conseguem resistir, persistir e proliferar.⁴

A experiência do futebol visivelmente não se restringe à prática. Tanto meninos como meninas destacaram a freqüência com que assistem a jogos pela televisão, principalmente, observaram alguns, quando jogam os times para os quais eles torcem — Grêmio, Internacional, Pelotas e Brasil de Pelotas — ou a seleção brasileira. Alguns salientaram que, além de assistirem a jogos pela televisão, já foram acompanhados por familiares ou amigos aos estádios da cidade para assistirem partidas dos times locais. Os

⁴ Maiores detalhes sobre as considerações teóricas deste autor, referentes às práticas culturais, às táticas e às estratégias presentes nas experiências dos consumidores/produtores de cultura, ver: CERTEAU, M. de. *A Invenção do Cotidiano1: Artes de Fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

que declararam nunca terem ido, em sua maioria, manifestaram o desejo de ir .

Essas outras formas de participação, não restritas ao ato de praticar, proporcionam aos alunos um saber específico que lhes permite discutir e dialogar, tanto com seus colegas, como com familiares e amigos. Como exemplo deste saber específico, destacamos alguns nomes de jogadores que foram citados por eles quando indagados sobre quem consideravam o melhor jogador da atualidade. Entre outros, apareceram nomes como Romário, Paulo Nunes, Bebeto, Tulio, Edmundo e Baggio, jogadores de diferentes Estados e até de outro País, ilustrando um pouco o interesse que os alunos demonstram por acompanhar os mais recentes acontecimentos do universo futebolístico.

Este fazer-se presente não está, portanto, restrito obrigatoriamente à prática, mas passa também pela possibilidade de torcer, assistir a jogos ao vivo, ou pela TV, acompanhar os noticiários esportivos, vestir a camiseta do time pelo qual torcem. Ações e rituais, como esses que produzem conhecimento e são potencialmente criadores de fortes vínculos emocionais, não se restringem ao envolvimento com times profissionais, mas se manifestam também em proporções diferenciadas quando se trata de eventos que envolvem os times do próprio bairro ou da vila. Foi o caso da declaração de Andréia: *"Torço para o Grêmio e para o Barbudo (A.C.P) aqui da colônia. A gente vai todos os domingos. Eles jogam contra outros times da colônia, como o Arroio do Padre e o Marítimo."*⁵

O marcante envolvimento dos alunos com o futebol, conforme mostramos aqui através das declarações, não caracteriza uma surpresa; pelo contrário, os indícios empíricos que selecionamos não são mais que fragmentos, sinais de que esta é uma das práticas culturais que indiscutivelmente mais marcou o século XX e visivelmente sinaliza adentrar e se proliferar ainda mais no século XXI. Para auxiliar a entender este processo, parece-me interessante pensar como ele ocorre, como o futebol se faz notar, neste complexo contexto cultural chamado Brasil ?

III.I) O futebol para os brasileiros

"Deixei de acreditar em Deus no dia em que vi o Brasil perder a Copa do Mundo no Maracanã." (Carlos Heitor Cony)

⁵ É óbvio que por uma condição histórico-cultural o envolvimento do sexo feminino com o futebol, em nosso país, ainda não é igual ao do sexo masculino. Mas, as declarações feitas por várias meninas são um indicio da emergência de uma nova configuração no que tange às questões de gênero e o futebol, também no Brasil.

Com respeito aos julgamentos valorativos sobre o futebol, presenciamos em diferentes espaços, acadêmicos ou não, inúmeras controvérsias. No início deste século, por exemplo, esta polêmica se fez presente na Literatura. Um dos focos centrais da divergência era assinalado na aceitação desta prática que, para alguns, não passava de mais uma importação cultural. De um lado posicionavam-se nomes como os de Lima Barreto e Graciliano Ramos, que não mediam esforços no sentido de desqualificar o futebol. Em alguns momentos, foram contundentes ao extremo, afirmando que a última moda do estrangeirismo, chamada “football”, era um atentado contra a nossa cultura. Por incitar a violência, punha em risco a paz e, por isso, não vingaria. “*É uma febre passageira (...) não preenche coisa nenhuma*”, afirmava com convicção Graciliano Ramos. “*Com exceção de um ou outro tísico*”, continuava ele, vai haver “*um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês*”.⁶ Tais teses eram contrapostas por escritores como Antônio de Alcantara Machado, Fernando Sabino e José Lins do Rego, entre outros. Estes, desde o início do século, posicionaram-se com menos receios diante do futebol e mostraram-se simpatizantes da possibilidade de inovação e ampliação cultural que este poderia vir a representar.⁷

Posterior ao debate travado no campo literário do início do século, que colocou o questionamento sobre a validade do futebol — se este iria ou não vingar, dar certo em nosso país —, as divergências não acabaram, pelo contrário, outros campos do conhecimento trouxeram novas questões para acirrar o jogo. A popularização e a profissionalização do futebol ocorrida nos anos trinta, nos diversos Estados do Brasil, contribuíram significativamente para esse quadro; assim, alargavam-se os debates, passando estes a envolver novos interessados, nas mais diferentes regiões do Brasil.⁸ Houve, principalmente após a década de 70, um certo

⁶ RAMOS, G. Linhas Tortas. In: RAMOS, R. (org.). *A palavra é futebol*. São Paulo. Scipione, 1990 p. 24. É importante observar que as críticas feitas por Graciliano Ramos ao futebol ocorreram em um momento histórico no qual as práticas desse esporte apresentavam evidências de discriminação social e étnica. Eram práticas dominadas pela elite branca e carregadas de signos eurocêntricos.

⁷ Sobre as polêmicas do futebol na literatura do início do século ver a dissertação de mestrado: *Futebol Futeboleres*: uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920. Alfredo, J. C. Instituto de estudos da linguagem, Unicamp, Campinas, SP. 1996. Ver também: *A palavra é futebol*. RAMOS, R. (org.). São Paulo. Scipione, 1990.

⁸ Distanciando-se do personalismo histórico, que costumeiramente vemos a imprensa fazer em torno de Charles Miller, há registros indicando que o futebol alastrou-se rapidamente pelos diversos estados, menos por ações e desejos individuais e mais pelos vínculos que instituiu com as práticas econômicas e culturais da época. Na disseminação do futebol pelo nosso país, dois fatos merecem destaque especial: as trocas comerciais, realizadas tanto entre as cidades portuárias do país bem como com o exterior e a construção da malha ferroviária, que atravessou diversos estados e as principais cidades. Nestas duas atividades destacaram-se a participação de estrangeiros, principalmente ingleses, marinhaos e profissionais especializados. O futebol, tido como uma espécie de lembrança européia, era uma das vivências prediletas do lazer destes trabalhadores. A parceria futebol/ferrovia extrapola a experiência brasileira. WAHL (1997) ao comentar sobre a disseminação deste esporte pela Europa, no início do século XX, registra que “*desde*

deslocamento do debate da literatura para o âmbito acadêmico, sobretudo para as chamadas Ciências Humanas. Num contexto marcado pela ditadura do governo militar e pelo tricampeonato mundial de futebol, vencido pelo Brasil, no México, a década de 70 teve como um dos temas de debate e motivo de divergência o papel desempenhado pelo futebol. Por alguns foi tratado como uma prática cultural merecedora de grande incentivo e reconhecimento, chegando, várias vezes, a ser enfatizado com euforia, tornando-se assim — é sempre bom recordar — alvo de práticas de instrumentalização política, sendo usado para criar e reproduzir valores nacionalistas da época. Consequentemente foi também, por muitos, reduzido e rotulado como o grande vilão da história, chegando mesmo a receber o estereótipo de ser o “ópio do povo”⁹.

Sem desmerecer a atualidade desta polêmica, não pretendo, aqui, dar continuidade a ela. Pretendo abordar o futebol e as suas relações com a escola por outra via. Assim, se não o tomo enquanto um mero instrumento de dominação, alienação social, presente na tese que elege o futebol enquanto o “ópio do povo”, também não é minha intenção tratá-lo como uma prática cultural redentora, romântica e isenta de contradições. Viso, sim, tomar o futebol a partir de suas ambigüidades, suas lutas internas específicas, os embates que acompanham e constituem essa prática social em diferentes locais e momentos históricos. Prestar uma meticolosa atenção nas tensões permanentes que caracterizam as disputas nesse campo, o que FOUCAULT chama de jogos de poder. Ambigüidades e disputas, que com intensidades diferenciadas, parecem ser o emblema social das diferentes manifestações do futebol.¹⁰

Parto da hipótese de que o que situa particularmente o futebol na constituição da cultura brasileira é a sua presença avassaladora, sua capacidade de estranhar, incitar, acirrar polêmicas e, fundamentalmente, arrebatar as mais diversas populações em suas diferentes formas de

finales de la década de 1920, la geografía de la práctica cubre toda la red ferroviaria: una estación, un campo de fútbol. Ésa era entonces la regla.” (p. 54). WAHL, A. *Historia del fútbol, del juego al deporte*. Barcelona, Bailém, 1997. p.54. Sobre essa singularidade no Brasil ver: *O Almanaque do Futebol Brasileiro 96/97*. AURÉLIO, M. & SÉRGIO ALFREDO, A. São Paulo. Escala, 1996.

⁹ VERDU (1980) chama a atenção para o fato que também na Espanha “durante mucho años españoles, el amor al fútbol ha sido entre esa izquierda un amor infame o aun una inclinación que podría delatar fragilidad en la militancia y tendencia a la debelación.” VERDU, V. *El fútbol: mitos, ritos y símbolos*. Madrid. Alianza, 1980.

¹⁰ Nos diversos artigos do livro *Futebol e Cultura* os autores fazem questão de destacar a importância em pensar o futebol distanciando-se tanto do discurso ufanista sensacionalista, construído pela grande imprensa, bem como dos discursos intelectualizantes que seguidamente reduzem o futebol apenas a um instrumento de controle social. SEBE BOM MEIHY, J.C. e WITTER, S.J. (org.). *Futebol e Cultura: coletânea de artigos*. São Paulo. Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

manifestação, colocando-se anterior e além das diferentes teorias sociológicas.¹¹

Os sinais e as microssingularidades produzidas pelo futebol brasileiro, tanto dentro como fora de campo, são muitos. Constituem exemplos disso: a decretação de feriados nos horários das partidas oficiais da seleção, as manifestações das torcidas organizadas com suas cores, vestimentas apropriadas para dias de jogos, viagens para acompanharem seus times, as parcerias que o futebol estabelece com a música, a presença marcante das crenças, superstições e tabus envolvendo jogadores, torcedores e dirigentes.

De parte dos jogadores, além da indiscutível competência oriunda da elaboração, uso e apropriação de saberes que brota das ruas, da várzea, dos cortiços urbanos e não raramente das favelas, merecem igualmente atenção suas criativas formas de comemorar os gols, construindo novas coreografias, nomeando-os, dedicando-os, fazendo deles “objetos” de oferendas e homenagens.¹²

As particularidades que marcam as relações brasileiro/futebol não aparecem somente nos momentos de vitórias e comemorações, mas também na forma como são assimiladas e sofridas as derrotas, como sai arrasada,

¹¹Dos estudos que tratam do futebol no Brasil merece destaque o artigo *O futebol no Brasil*, de ROSENFELD, A. Nele, o autor aborda os conflitos históricos sociais, o espaço econômico, a abrangência do futebol em nosso país e as relações que este estabelece com as crenças. Por último, o autor aponta a formação de “constelações estéticas” a partir do futebol. CARONE (1993), ao introduzir a reedição deste artigo, comentou que “Anatol Rosenfeld afirmou, certa vez, que o futebol foi sua porta de acesso à cultura brasileira, na qual se integrou de corpo e alma.” (p.73). ROSENFELD, A. *Negro Macumba e Futebol*, pags. 73-106. São Paulo, Perspectiva, 1993.

¹²Jogadores, torcedores e técnicos usando amuletos de sorte; atletas e treinadores reconhecidos como “pés quentes”; torcedores personalizados que trazem sorte e se tornam símbolos de seus times — todos ilustrações de rituais que formam uma das facetas mais ricas do nosso futebol; por isso citaremos diretamente alguns exemplos. No Internacional, de Porto Alegre, tornaram-se conhecidas as atuações do técnico Teté: conta-se que, certa vez, na véspera de um Grenal, o supersticioso artilheiro Bodinho alegou que não poderia jogar, pois “fizeram um despacho para mim. Estou amarrado. Não me escale amanhã”. Teté não discutiu com o jogador, chamou uma negra amiga sua, se reuniu com ela na cozinha do próprio estádio, onde “nada fizeram além de comer lingüiça na brasa.” Pouco depois, o técnico chamou o jogador e o tranquilizou: “tu não podia mesmo jogar, a mulher levou duas horas pra te desamarrar”. No dia seguinte, Bodinho jogou uma barbaridade” (s/d: 31). Já no Internacional dos anos 40, ganharam espaço as histórias criadas ao redor de Charuto, torcedor símbolo do time, e da cabrita “Chica”. Levada por um torcedor ao estádio, “a torcida descobriu que “Chica” dava sorte,” por isso não podia mais faltar aos jogos; “quando a partida era no campo adversário, comprava-se ingresso para “Chica” e ela era instalada numa cadeira numerada” (s.d: 05). PLACAR, *As maiores torcidas do Brasil*. Edição Especial, São Paulo, Abril, s.d. TOSTÃO (1997) relata que, na época em que jogava no Cruzeiro, o presidente Felício Brandi possuía um pai-de-santo particular e “aos sábados, vésperas de partida, iam os jogadores receber a bênção do macumbeiro, que ganhava bixo pela vitória e tinha no massagista Andorinha o seu auxiliar.” (p.30). TOSTÃO: *lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol*. São Paulo. Artes Gráficas, 1997. No futebol carioca, entre muitas, destacou-se a história do Sapo de Arubinha, que se refere à maldição que o jogador do Andaráf, Arubinha, invocou sobre o time do Vasco da Gama por este ter derrotado o seu time por 12 a 0. Pela desmesura cometida cairia sobre o Vasco uma maldição pela qual o time haveria de ficar 12 anos sem ganhar nenhum título. Mais detalhes sobre esta história ver FILHO, M.. *O Sapo de Arubinha: Os Anos de Sonho do Futebol Brasileiro*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

mal-humorada, cabisbaixa uma torcida inteira dos estádios quando seu time perde. Temos ainda aqueles torcedores que não suportam a tensão ao acompanharem os jogos de seus times pela televisão e desistem na metade, não olham para não “dar azar”, tudo isto impressiona principalmente quem não está acostumado:

Homens e mulheres no Rio de Janeiro choravam abertamente; bandeiras foram hasteadas a meio pau e faixas pretas de luto foram colocadas nas fachadas de prédios; multidões furiosas queimaram efígies de jogadores e técnicos. Os Estados Unidos possuem torcedores devotados, mas eu nunca testemunhara tal reação à derrota. Fiquei impressionada e aturdida ao constatar como um esporte podia significar tanto para uma Nação. LEVER (1983)¹³.

A cena acima retrata fragmentos dos efeitos ocasionados pela desclassificação da seleção brasileira na Copa de 1966, na Inglaterra, e ilustra a admiração da socióloga americana Janet Lever diante de tamanho sofrimento. Mas Lever não foi a primeira nem a única a impressionar-se com a maneira que o povo brasileiro sente e tenta assimilar as derrotas do futebol. Obdulio Varela, capitão da seleção uruguaia, que derrotou o Brasil na final da Copa de 1950, no Maracanã, tornou-se conhecido também pelo depoimento que deu anos depois ao escritor argentino Oswaldo Sorielo. O brilhante jogador uruguaio confessou que *"se soubesse que iria amargurar tanto um povo tão simpático, não teria se esforçado para ganhar a Copa do Mundo."*¹⁴

IV) Saber/poder na cultura curricular

Para pensar as relações entre escola — cultura — futebol, inicialmente, gostaria de retomar a realidade das escolas públicas descritas no item 3: pouco material, espaços físicos improvisados, poucos professores e grande número de alunos dão o tom da realidade. Para muitos, talvez, esta situação poderia ser vista como suficiente para impossibilitar o ensino do

¹³ LEVER, J. *A Loucura do Futebol*. RJ. Record, 1983 p.14. As imagens que impressionaram a autora foram mostradas pela rede de televisão BBC de Londres. Ainda sobre a intensidade das derrotas para os brasileiros ver a recente dissertação de mestrado, publicada em forma de livro, *O Rio corre Para O Maracanã*. Utilizando como fonte histórica os jornais da época a autora retrata com detalhes várias cenas da copa de 1950. O envolvimento dos brasileiros com o futebol e a dor provocada pela perda do título são dois pontos destacados pelo estudo. MOURA, A. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro. Fundação Getulio Vargas, 1998.

¹⁴ NOGUEIRA, A., SOARES, J. e MUJLAERT, R. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994. p. 23.

futebol na escola e nas aulas de Educação Física. Como nos foi relatado por alguns professores que alegaram não ensinar futebol por falta de material e espaço apropriado. Entretanto, diagnosticamos também que os alunos, em sua quase totalidade, estabelecem fortes vínculos com o futebol, e este, de maneiras diversificadas, se faz presente dentro da escola, seja nas aulas de Educação Física, seja no recreio, nas conversas de corredores ou durante as outras aulas. Por que então parece ser tão difícil, quando não visto como impossível, pedagogizar o futebol nas aulas de Educação Física?

Um caminho para problematizar a constatação destas dificuldades pode ser o de pensá-las situando-as no contexto das propostas pedagógicas oficiais que inspiraram as práticas escolares da Educação Física nas últimas décadas.

Estudos mostram que, a partir dos anos 60/70, as políticas públicas para a Educação Física escolar, inspiradas no ideal da tecnocracia e do cientificismo — que instituíram como objetivos principais, a partir da 5^a série, a iniciação esportiva e a aptidão física — trouxeram à formação acadêmica dos cursos superiores de Educação Física e, conseqüentemente, também ao ensino do esporte nas escolas, a crença de que, para escolarizar competentemente o esporte, as aulas deveriam se inspirar ao máximo nas metodologias utilizadas pelos clubes.

Negligenciando as funções sociais específicas e as diferenças infra-estruturais existentes entre clubes e escolas, este simulacro de treinamento, ao menos idealmente, tornou-se prescritivo, virou uma espécie de meta-metodologia para o ensino dos esportes nas escolas — quando este chega a acontecer. As aulas de Educação Física que tentam tematizar os esportes tornam-se, em sua maioria, sinônimo de práticas corporais fragmentadas, discriminatórias, chatas, pouco lúdicas e distantes da cultura das crianças. Dificulta-se, com isso, a possibilidade de surgirem práticas pedagógicas capazes de pensar o ensino do “esporte da escola”,¹⁵ orientando-se pelas condições de possibilidades das escolas e tematizar os esportes, tendo como referência não simplesmente os clubes — que são uma e não a única forma de viver as práticas esportivas —, mas sim a cultura dos alunos.¹⁶

Essa espécie de superego tecnocrático-esportivo — dos cronômetros, das planilhas, do selecionamento e, conseqüentemente da exclusão — colocou-se também sobre o trato que, costumeiramente, pretende-se dar ao futebol nas aulas de Educação Física. Nega-se ser este um esporte/jogo que

¹⁵ Algumas considerações sobre a possibilidade de um ensino do esporte da escola como alternativo ao ensino do esporte na escola é tratado por BRACHT, V. em *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre. Magister, 1992.

¹⁶ Para outras considerações a respeito dos resultados produzidos pela pedagogia esportivante na Educação Física Escolar, ver o artigo de minha autoria A Educação Física Fora de Forma. *Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*, Ijuí, RS. Imprensa Universitária, V.16, N. 2. 1995

acompanha as crianças desde suas infâncias, criando com elas fortes laços carregados de saberes culturais que não negam, mas visivelmente ultrapassam em muito o conhecimento circunscrito pelos padrões da ciência moderna e pelas propostas curriculares de nossas escolas, ainda iluministas em demasia.

A predominância de padrões de cientificidade, signos de uma epistemologia moderna que atua de forma prescritiva e se auto-intitula como referente para os critérios de validade do conhecimento, quando não da própria verdade, remete necessariamente às relações de poder, ou melhor, de saber-poder. Ainda mais tratando-se da escola, instituição eleita por muitos como o locus privilegiado do saber.

Mesmo não pretendendo fazer uma nova teoria do poder nas investigações que realizou das práticas sociais, FOUCAULT mostrou-se capaz de evidenciar particularidades nas relações modernas de poder. Para ele, o poder não se limita ao Estado ou às suas instituições, não se localiza aqui ou ali unicamente, não é apenas repressivo, coercitivo, mas é também produtivo, manda fazer. Atua não só como repressão, tendo como referência a morte, mas se interessa também pela vida com práticas que formam “*um biopoder*”, que excita, vincula-se e produz um espécie determinada de prazer. O poder moderno se caracteriza também por ser sutil, mas eficiente, já que não atua apenas em nível ideológico, como também sobre o corpo, e está inserido nas redes do corpo social, estabelecendo parcerias, estratégias e jogos de interesses constantes com os saberes e com as instituições. Saberes específicos, novos, como os referentes à sexualidade, ao corpo, à medicina e outros. Enfim, como diz o próprio FOUCAULT: “*de fato, qualquer ponto de exercício de poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber e, inversamente, todo saber estabelecido permite e assegura o exercício de um poder.*”¹⁷

Presas aos ditames das relações modernas de saber-poder, nossas escolas, não raramente insinuam nomear a si mesmas ou apenas aqueles que elas autorizam como os portadores legítimos do conhecimento que constitui a cultura moderna. Essa pretensão aparece em métodos e discursos escolares diversificados. Constantemente vemos, por exemplo, o futebol praticado pelos alunos ser inferiorizado dentro da escola. Valoriza-se mais, nas aulas de Educação Física, o futebol científico, clubista, metódico, asséptico, com poucos desafios e isento de imprevisibilidade. A tendência é

¹⁷ FOUCAULT, M. O poder e a Norma. *Psicanálise, Poder e Desejo*. São Paulo. Chaim Samuel Katz, 1975. p.50. A prioridade sobre as relações de poder nas investigações realizadas por Foucault caracterizam o que ficou conhecido como seus estudos genealógicos. Em livros como: *Vigiar e Punir* (1975), *História da Sexualidade I: a vontade de Saber* (1980) e *Microfísica do Poder* (1979), encontramos maiores considerações sobre o assunto.

ênfatar um futebol “disciplinado”, academicamente “aprendido” pelo professor na Universidade.

Assim, ao institucionalizar o futebol, desqualificam-se determinados saberes produzidos nas experiências não-escolares. Com isso, se desfigura — talvez até se perca — o futebol que mais afeta os alunos, aquele que eles conhecem e vivenciam: um futebol que emana das esquinas, dos bares, das praças, dos morros, da várzea e dos estádios.

As relações de saber e poder que marcam nossa cultura e atravessam também a escola, não são exclusividade das práticas referentes à Educação Física; pelo contrário, poderíamos dizer que esta foi uma postura que acompanhou o processo de escolarização da sociedade brasileira. Ou será que diz respeito às próprias amarras estruturais da instituição escola? Gomes Consorte, — antropóloga que participou de projetos de pesquisas sociais coordenados por Anísio Teixeira durante os anos 50, visando diagnosticar o papel desempenhado pelas escolas e “fornecer subsídios para a formulação de diretrizes” — relata-nos que, também naquela época, as escolas não raramente atuavam como agentes homogeneizadores da cultura, estereotipando e excluindo crianças e jovens favelados.¹⁸ De posse desses dados, ressalta a autora que o próprio “Dr. Anísio Teixeira custou a crer no que ouvia, quando informado dos primeiros resultados do nosso trabalho, perplexo com a feição que a escola assumira. Certamente aquela não era a escola democrática com que sempre sonhara.” GOMES (1997).¹⁹

As resistências da escola formal em legitimar formas de conhecimento encontrados em espaços não-formais, diluídos na cultura em que os alunos atuam, não é uma realidade apenas das escolas brasileiras. Peter Maclaren, ao estudar uma escola de alunos imigrantes açorianos no Canadá, traz à tona os múltiplos embates, as estratégias dos alunos e as tentativas de aculturação que a escola por ele estudada tenta implementar.

Os alunos elaboram desvios, formas explícitas e dissimuladas para atuarem dentro da escola, constróem rituais acompanhados de envolvimento corporal que os ajudam a resistir e a escapar à expropriação dos seus saberes de “esquina de rua”. “O conhecimento adquirido nas ruas era vivido e mediado através de alinhamentos discursivos e investimentos afetivos não encontrados na escola”. MACLAREN (1991)²⁰.

MCLAREN destaca que a importância e o significado que aqueles alunos atribuíam aos saberes de “esquina de rua” geralmente eram mais

¹⁸ Na grande maioria, alunos oriundos da zona rural ou imigrantes do Nordeste. Sendo que 70% dos excluídos das escolas eram negros, aponta a autora.

¹⁹ GOMES, C. J. *Cultura e Educação Nos Anos 50: O Desafio Da Diversidade*. Campinas, SP. Mimeo, 1997. p.11.

²⁰ MCLAREN, P. *Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Petrópolis, RJ. Vozes, 1991. p.350.

intensos do que o significado que atribuíam aos saberes tradicionais da escola. O autor evidencia como “*o conhecimento ritual possui uma natureza encarnada.(...) Nas ruas, os estudantes faziam uso de mais engajamento corporal e símbolos orgânicos.*”²¹ A maneira com que os estudantes se relacionavam com seus conhecimentos adquiridos nas ruas invadia também o espaço escolar, potencializando uma postura mais crítica dos alunos diante dos métodos lineares, bancários, comuns nos currículos escolares. “*A resistência a este tipo de conhecimento na sala de aula espelhava o comportamento do estudante na rua, e constituía uma tentativa ritualizada de trazer a rua para dentro da escola.*”²²

Investigações curriculares como essas apontam que, além das promessas pedagógicas adjetivadas de críticas,²³ torna-se importante usar suspeitar das bases epistemológicas que fundam os currículos escolares e pensar os riscos e os limites atuais contidos nas promessas redentoras realizadas pela Razão Iluminista e pelos demais discursos antropocêntricos que outorgaram substituir Deus pelo homem e nomear a ciência moderna como sua procuradora.

Foram suspeitas semelhantes a essas, que explicitam os dispositivos de saber-poder contidos nas pretensões das práticas discursivas da ciência moderna, que levaram FOUCAULT a pensar uma “*Arqueologia do saber*” e a se afastar dos debates internos da epistemologia francesa moderna. FOUCAULT propõe tratar os conhecimentos ligados às ciências do homem enquanto formas diferenciadas de saberes. Ele destaca a necessidade de não mais usarmos como critério de importância, para julgamento valorativo dos saberes, a premissa — um tanto segregadora — dos níveis de epistemologização.²⁴

Guardando as inúmeras diferenças existentes entre eles, BOAVENTURA (1996) parece sinalizar nesta mesma direção. Ao falar da

²¹ Ibid., p. 350

²² Ibid., p.351.

²³ Sobre metodologia na Educação Física ver: *Sobre metodologia: Cultura, Ciência e Técnica*. Aqui, além de pensar as complexas relações entre cultura, ciência e técnica, a autora chama a atenção para a possibilidade dos professores se autorizarem a buscar uma “**autonomia de pensamento**”, preocupação muitas vezes colocada em segundo plano também pelas propostas metodológicas que se autodenominam críticas ou progressistas. SOARES, C. L. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Ijuí, RS. Imprensa universitária- Unijui, v.16, n. 01, 1994.

²⁴ MACHADO (1981) comenta as rupturas epistemológicas desse autor e salienta que há um “desaparecimento, portanto das categorias de ciência e epistemologia que tem como correlato o aparecimento de um novo objeto — o saber — e um novo método — a arqueologia.” MACHADO, R. *Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault*. Rio de Janeiro. Graal, 1981. p. 12. Ver também *A filosofia como crítica da cultura*, de MUCHAIL, S. Este artigo, além de destacar várias passagens importantes da trajetória do pensamento de Foucault, tem o mérito de pensar uma aproximação deste autor com os debates atuais sobre cultura. Cadernos da PUC, Epistemologia das Ciências Sociais. São Paulo, EDUC, n.19, 1985. p. 187-203. Do próprio Michel Foucault, sobre questões epistemológicas, destacam-se: *As Palavras e as Coisas*, 1987, *A Arqueologia do Saber*, 1995 e *A Ordem do Discurso*, 1996.

ciência, da escola e dos vínculos entre elas, esse autor denuncia que, cada vez mais, a ciência moderna se caracteriza por priorizar um “*conhecimento-como-regulação por excelência*”,²⁵ que extrapola a discussão epistemológica e adentra o espaço cultural onde “*o modelo dominante do imperialismo cultural, não concebe outro tipo de relações entre culturas senão a hierarquização segundo critérios que são tidos como universais ainda que sejam específicos de um só universo cultural.*” Por isso, prossegue o autor, “*compete ao campo pedagógico emancipatório, criar imagens desestabilizadoras deste tipo de relacionamento entre culturas.*”²⁶

Outra concepção de cultura, de saber ou de ciência, poderia talvez rever as práticas pedagógicas escolares e legitimar valores e conhecimentos periféricos como o futebol. Ou estaríamos sendo um tanto ingênuos esperando muito da instituição escola?²⁷ Podemos também, usando de outra estratégia, deixar em suspenso as promessas escolares e apostar nos embates, nas disputas de poder que travam os diferentes saberes, também dentro do espaço escolar. Apostar nas resistências sutis, nas artimanhas dos alunos e pensar que o futebol, permitindo a escola ou não, com pouco ou sem material, há muito adentrou os muros das diferentes instituições educacionais. E não nos esqueçamos que “*os jogos da infância têm um titular absoluto: a parede, com que um menino pode até jogar sozinho*”. VALDANO (1995).²⁸

V) Bibliografia

- ALFREDO, J. C. **Futebol futeboleres: uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920.** Dissertação de mestrado. Instituto de estudos da linguagem, Campinas, SP: Unicamp, 1996.
- ALMEIDA PRADO, D. **De seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol.** São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- AMADO, J. e FERREIRA de MORAIS, (org.). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

²⁵ BOAVENTURA, S. S. Para Uma Pedagogia do Conflito . *Revista Novos Mapas Culturais — Novas Perspectivas Educacionais.* Porto Alegre, RS. Sulina, 1996. p. 25.

²⁶ *Ibid.*, p. 30

²⁷ Apesar da importância que aqui atribuí para a problematização das relações de poder/saber no interior de nossa cultura curricular outras questões do o currículo também merecem ser consideradas. Sobre as diferentes teorias contemporâneas do currículo e as suas principais contribuições para o debate educacional consultar o Livro de Tomaz Tadeu da Silva Documentos de Identidade; uma introdução às teorias do currículo.

²⁸ VALDANO J. *Zero Hora* Caderno Especial de Esportes. Porto Alegre, 14 abril, 1995. p.05

- BOAVENTURA, S. S. **Para uma pedagogia do conflito.** *Novos mapas culturais — novas perspectivas educacionais.* Porto Alegre: Sulina, 1996.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- FILHO, M. **O sapo de arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro.** São Paulo: Companhia das letras, 1994.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- _____ - **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____ - **O poder e a norma: Psicanálise, poder e desejo.** São Paulo Chaim Kartz, 1975.
- GOMES, J. S. **Cultura e educação nos anos 50. O desafio da diversidade.** Campinas, SP: Mimeo, 1997.
- KLEIN, M. A. & AUBININO, S. A. **O almanaque do futebol brasileiro 96/97.** São Paulo: Escala, 1996.
- MACHADO, R. **Ciência e saber: a trajetória da arqueologia de Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- MCLAREN, P. **Rituais na escola: em direção a uma economia política dos símbolos e gestos na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- MOURA, G. **O Rio Corre para o Maracanã.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998
- MUCHAIL, S. **A filosofia como crítica da cultura: cadernos da PUC.** São Paulo. Educ.n.19, 1985.
- PLACAR. **As maiores torcidas do Brasil: Edição Especial.** São Paulo: Abril, 19__
- RAMOS, G. **Linhas tortas.** In Ramos, R. (org.). *A palavra é futebol.* São Paulo: Scipione, 1990.
- RAMOS, R.(org.). **A palavra é futebol.** São Paulo: Scipione, 1990.
- RIGO, L. C. **A Educação Física fora de forma.** *Revista do colégio brasileiro de ciências do esporte,* Ijuí, RS: Imprensa universitária, Unijui, V. 16, n.02, 1995.
- ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol.** Campinas, SP: Perspectiva, 1993.
- SEBE BOM MEILHY, J.C. & WITTER SEBASTIÃO, J. (org.) **Futebol e cultura: coletânea de artigos.** São Paulo. Imprensa oficial, Arquivo do Estado, 1982.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

- SOARES, C. L. **Sobre metodologia: cultura, ciência e técnica.** *Revista do colégio brasileiro de ciência do esporte.* Ijuí, RS: Imprensa universitária Unijui. V. 16, n.01. 1994.
- TOSTÃO. **Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol.** São Paulo. Artes gráficas, 1997.
- WAHL, A. **História del fútbol, del juego al deporte.** Barcelona: Bailém, 1997.
- VALDANO, J. **Zero Hora, caderno especial de esporte.** Porto Alegre, 14 abril, 1995.
- VERDU, V. **El fútbol: mitos, ritos y símbolos.** Madrid: Alianza, 1980.